

NEUROSE E PSICOSE: UM ESTUDO SOBRE AS OBRAS INICIAIS DE FREUD

PAULA, Alexandre da Silva de¹

GALLO, Ana Claudia²

RESUMO

Em busca de uma diferenciação conceitual entre as neuroses e psicoses, realizou-se uma revisão sistemática de literatura em textos clássicos da obra freudiana. Percorrendo os principais trabalhos publicados no período inicial, a pesquisa expõe temas recorrentes no pensamento do autor, com destaque para Teoria do Trauma e para a pulsão sexual na origem dos sintomas neuróticos. Os textos analisados apontam que o conceito de neurose surge de maneira muito peculiar em todas as obras citadas. O conceito de psicose comparece em menor proporção nas obras, o que reforça o investimento intelectual do autor sobre o funcionamento do psiquismo neurótico. Contudo, o artigo expõe, parcialmente, o trabalho de um pensador que influenciou a psicopatologia moderna.

Palavras-Chave: Neurose. Psicose. Psicopatologia.

ABSTRACT

The study aims to conceptual distinction between the neuroses and psychoses, by theoretical revision in classical texts of Freud's work. Covering the major works published in the early period, the survey exposes the recurring themes in the thought of the author, especially Theory of Trauma and sexual drive in the etiology of symptoms. The term psychosis appears to a lesser extent in the works, which strengthens the intellectual investment of the author on the

¹ Doutor em Psicologia pela Universidade de São Paulo, FFCLRP. Docente no Centro Universitário de Votuporanga – UNIFEV. Psicólogo Escolar no IFSP, câmpus de Votuporanga. Votuporanga, São Paulo, Brasil. aledpaula@outlook.com

² Psicóloga pelo Centro Universitário de Votuporanga – UNIFEV. Votuporanga, São Paulo, Brasil. aninha.gallo@hotmail.com

functioning of the neurotic psyche. However, the article states, in part, the work of a thinker who influenced modern psychopathology.

Keywords: Neurosis. Psychosis. Psychopathology.

INTRODUÇÃO

Ao longo do período medieval, os indivíduos considerados anormais eram excluídos do convívio em sociedade, ora isolados, ora submetidos a tratamentos desumanos, a loucura era compreendida pela demonologia (PESSOTI, 1995). Segundo o autor citado, o louco era representado como uma pessoa que estava sob o domínio de forças sobrenaturais, de origem maligna. O tratamento atribuído aos indivíduos anormais tinha como finalidade a expulsão de demônios e a purificação da alma, marcando a influência religiosa da época. Os procedimentos médicos tinham como característica o uso da violência e castigos corporais severos, típicos das torturas. O doente mental poderia até ser queimado vivo numa fogueira.

Na Idade da Renascença, a loucura era vista como uma alienação, e o tratamento adotado consistia no isolamento social dos indivíduos. Desse modo, os doentes mentais eram colocados em locais semelhantes aos asilos modernos e ali permaneciam encarcerados. O exemplo mais famoso dessa modalidade de intervenção é a Torre dos Loucos, na cidade de Caen na França, a qual era mantida a partir de donativos feitos pela população (JABERT, 2001). Com a origem dos grandes hospitais, os tratamentos foram alterados, com destaque para a internação e, nesse período, a hipnose destacava-se como técnica promissora na França. Entretanto, a internação não tinha funções terapêuticas ou curativas, tal como observa-se nos trabalhos da psiquiatria moderna. O autor citado anteriormente argumenta que as práticas ainda eram embasadas em princípios político-religiosos, voltadas para a repressão e reclusão do doente mental, ou seja, o objetivo também era a separação entre o normal e o patológico.

Sigmund Freud e Josef Breuer inovaram no meio acadêmico ao defenderem a tese de que a histeria, doença que mais atingia as mulheres,

tinha como fator causal experiências traumáticas da infância. A psicanálise tinha, portanto, a proposta de ir além das causas orgânicas na explicação do sofrimento humano. Assim, teve início uma compreensão alternativa para as doenças mentais que contribuiu, significativamente, para a desconstrução de estigmas estabelecidos ao longo da história. Durante o último século, alguns conceitos postulados por Sigmund Freud foram ressignificados, devido as contribuições de psicanalistas contemporâneos, tais como Donald Winnicott, Jacques Lacan e Melanie Klein. As ideias originais desses autores trouxeram grandes impactos na compreensão acerca dos conceitos de neurose e psicose. Todavia, há muitas divergências nos discursos dos autores recentes, seja nas diferentes noções de sujeito, estruturas mentais, transtornos ou psicopatologias.

Trata-se de um debate teórico que precisa ser contextualizado a partir de um retorno ao fundador da abordagem. É prudente conhecer a obra freudiana em seu início para dialogar com os autores contemporâneos. Nesse âmbito, o artigo buscou contribuir com apontamentos temáticos sobre um assunto que comporta muita complexidade, mas que precisa ser introduzido no debate acadêmico em disciplinas no campo das Ciências Humanas e da Saúde. Trata-se de uma revisão de literatura, cuja ênfase consiste em mapear como os conceitos de neurose e psicose foram apropriados em distintas obras freudianas. Para tanto, foram selecionados textos em que o autor aborda casos clínicos e defende suas teses iniciais sobre a dinâmica do inconsciente. O artigo faz menções pontuais, recortes introdutórios sobre a psicopatologia na vertente psicanalítica, salientando aspectos teóricos relevantes para atuação do psicólogo na saúde mental.

ESTUDOS SOBRE HISTERIA E TEORIA DA PULSÃO

Na obra inaugural de Sigmund Freud, denominada “Publicações Pré-psicanalíticas e Esboços Inéditos” (1886), particularmente nas Cartas Escritas à Wilhelm Fliess (1892) o autor apresenta princípios importantes que devem ser registrados, com destaque para os mecanismos que envolvem os fenômenos

abordados neste estudo. Inicialmente, a neurose foi colocada como uma perturbação no equilíbrio mental, devido ao aumento na intensidade de desejos não satisfeitos, ou seja, tentativas limitadas de ajustamento a libido. Propondo uma abordagem que se distanciava do determinismo biológico, tendência defendida pela clínica médica, Freud afirmava que histeria era uma neurose no estrito sentido do termo. Ou seja, um tipo de patologia psíquica caracterizada pela conversão. Este conceito se refere a um mecanismo de defesa do ego. A conversão transforma um sofrimento simbólico ou subjetivo em algo corpóreo que atinge o organismo físico.

Na histeria pode ocorrer a demanda por desejos proibidos, como o incesto, e isso repercute objetivamente no funcionamento do corpo. Alguns sintomas como dores de cabeça, tremores ou paralisias surgem de modo enigmático, independente dos mecanismos biológicos. Nesse caso, um afeto perde a característica de representação mental e assume um caráter patológico, provocando reações anormais e estranhas ao sujeito. As excitações libidinais são canalizadas para algum órgão corporal, promovendo um desvio na satisfação sexual. E “no campo da teoria, pode-se dizer que os histéricos adoecem por lembranças ou por representações que não sofreram o desgaste natural que tende a submeter a vida representativa [...]” (BIASOLI, 2006, p. 20).

Nesse período, havia poucas menções à psicose na obra freudiana, a qual surge, em alguns momentos como “distúrbio neuropático”. Entretanto, não há aprofundamentos em sua descrição, etiologia ou determinantes. O enfoque de Freud em sua primeira publicação estava, eminentemente, no desenvolvimento da Teoria do Trauma e suas relações com a histeria. Nota-se que Freud, no início de seus trabalhos, postulava que as psicopatologias derivam do confronto entre demandas morais da cultura (regras e normas sociais) e demandas da ordem libidinal (desejos proibidos e reprimidos). Desta forma, compreende-se que os transtornos mentais surgem pela reação e, conseqüente, fracasso do ego em reprimir os instintos sexuais. Contudo, cabe a indagação: “[...] o que acontece com o afeto que foi desvinculado da

representação? É aí que a histeria, de um lado, e as obsessões e fobias, de outro, tomam caminhos diferentes” (BIASOLI, 2006, p. 20).

A autora citada argumenta que na histeria o afeto sofre uma conversão, é transformado em algo somático, o que provoca os sintomas histéricos. Já na obra “Primeiras Publicações Psicanalíticas” (1896) ocorre, pela primeira vez, o uso do termo “psiconeurose”. As psiconeuroses têm relação direta com sexualidade recalcada e, nesse caso, o sintoma é um substituto para o desejo que não foi realizado. Nas psiconeuroses, como a histeria e a neurose obsessiva, Freud (1996) afirma que o ego rompe com a realidade, criando fantasias geralmente sexuais.

Sobretudo, é um fato que a dinâmica entre as instâncias do aparelho psíquico, com destaque para o ego, ocupa função primordial na explicação esboçada até então. Cabe, ao ego, a tarefa de retirar da consciência aquilo que está em confronto com o juízo moral, ou seja, os desejos proibidos e ocultos na memória que surgem de forma enigmática nos sonhos, como as cenas que envolvem abuso sexual, a manifestação de sentimentos como o ódio, a inveja ou a crueldade. Quando o sujeito retoma a consciência ao despertar, esses conteúdos causam forte repulsa e estranhamento. Portanto, a histeria passa a ser descrita a partir de reação do ego a um desejo sexual, o qual fica represado no inconsciente como afeto desvinculado de uma representação. Isso foi notório no caso de Anna Ó, no qual o desejo de incesto e a fantasia de viver como uma prostituta perturbavam a jovem que foi atendida por Freud.

De fato, na histeria o sujeito procura esquecer esses sentimentos que atingem o seu equilíbrio psíquico, pois, não encontra possibilidades racionais de resolver as contradições entre o desejo e a realidade. O neurótico não repudia a realidade, ele apresenta quadros delirantes e fantasias a partir de experiências reais do presente ou do passado. Isso pode ser exemplificado nas atitudes paranoicas (delírio de perseguição) ou na fantasia de reviver um antigo triângulo amoroso (Complexo de Édipo), a partir do qual o neurótico se coloca sempre na posição de disputa pelo objeto de amor com outra pessoa. Nesse caso, a mulher histérica tende a se envolver com homens comprometidos. Já o psicótico realiza o repúdio e a tentativa de substituição do real, podendo

ocorrer alucinações, tais como ouvir vozes ou interagir com objetos inexistentes.

O psicótico não interage apenas com objetos concretos, devido as alucinações ele pode ser capaz de atos com consequências irreversíveis, como o suicídio. Em termos do tratamento, a resignificação dos desejos proibidos depende da associação livre de ideias. Nesse momento terapêutico, o sujeito pode alcançar um *insight*, produzindo um sentido único para o seu sofrimento, em termos da superação e do manejo de suas fragilidades. O trabalho analítico pode auxiliar o sujeito a desconstruir os delírios e as alucinações, não a partir do aparato racional da cognição, mas na organização dos conteúdos inconscientes, os quais são difíceis de serem compreendidos sem a interpretação do psicanalista.

Em “Um Caso de Histeria, Três Ensaios sobre a Sexualidade e Outros Trabalhos” (1905), Freud avança significativamente no conceito de neurose histérica, sobretudo, com enfoque bem acentuado na dinâmica da sexualidade infantil. No contexto desta obra, o autor descreve o caso de Dora, uma mulher histérica, no qual a análise dos sonhos teve um papel fundamental na compreensão e explicação dos sintomas apresentados. A postura marcante e incisiva na análise da sexualidade infantil ocorreu, ainda, em função das críticas contundentes que Freud recebia quando defendia suas teses sobre as fases do desenvolvimento psicosexual (oral, anal e fálico). Anteriormente, os críticos da psiquiatria afirmavam que havia poucas informações sobre seus pacientes, mas a partir da investigação sobre a intimidade dos sujeitos, as críticas ocorriam pela suposta exposição da sexualidade da mulher.

Os relacionamentos privados e desejos das mulheres tornaram-se alvo de polêmica numa sociedade paternalista, que centralizava o poder na figura dos homens. Em meio ao debate acirrado com os intelectuais da área médica, Freud foi prudente com a generalização de suas descobertas no caso Dora, evidenciando que o tratamento psicanalítico daquela paciente não poderia ser utilizado como protótipo para intervenção em todas as neuroses. Por outro lado, o autor já havia tocado em vários assuntos considerados proibidos no debate público e acadêmico. Freud já era representado como um transgressor

da moral civilizada, a expulsão da sociedade de psiquiatria estava evidente e foi inevitável.

Apesar de graves resistências no âmbito acadêmico e social, Freud investiu grande parte de seu trabalho na compreensão dos caminhos da pulsão sexual nos sujeitos, principalmente na infância. Nesta fase, o autor reafirmava que as psiconeuroses se baseavam em “forças pulsionais”, as quais possuem um objeto de amor e uma fonte. Os bebês se relacionam com as mães buscando saciar as pressões da pulsão tendo, por exemplo, no corpo da mãe um alvo (seio) e um objeto de amor. A energia da pulsão não é causadora de todas as psicopatologias, mas o é, indubitavelmente, no surgimento da neurose. É um fato que o conceito de pulsão passou a ocupar função de destaque na compreensão desta teoria que, aos poucos, tornou-se mais conhecida, rompendo as fronteiras da Europa, alcançando círculos de intelectuais influentes nos EUA, apesar do repúdio da sociedade médica.

Considerando as pulsões perversas, ou seja, pulsões cujo objeto não segue um caminho conhecido para a satisfação dos desejos, Freud demonstrou que, no inconsciente do neurótico, há certa tendência para transgressões anatômicas, frequentemente relacionadas com as mucosas do corpo. Um exemplo pode ser a fixação da libido em estágios primitivos do desenvolvimento infantil, como o estágio oral da satisfação sexual, a partir do qual os bebês sentem prazer na sucção. O perverso, de certa forma, experimenta a sexualidade para além da fase fálica, encontrando prazer em práticas sexuais que podem envolver a dor e a humilhação do outro. Os perversos podem, também, apresentar atitudes transgressoras como exibicionismo de órgãos genitais em público ou fetiches em suas formas mais diversas. Contudo, a menção à psicose, no caso expressa pelo termo “loucura”, é colocada por Freud quando há intensas distorções da pulsão sexual, como nos casos de pedofilia e zoofilia especificamente.

OS CHISTES E A GRADIVA DE JENSEN

Na obra “Os Chistes e a sua relação com o Inconsciente” (1905) Freud

discorre sobre os chistes (piadas e ironias) enquanto manifestação do próprio inconsciente. Ao mesmo tempo, o autor discorre sobre a condensação e o deslocamento como mecanismos relacionados com os chistes e os sonhos. Ao longo dessa obra, o tema das psicoses é abordado quando o autor aborda o processo inconsciente do pensamento. Por exemplo, quando escreve que esse processo, em grande parte, tem relação com memórias perdidas da infância. O pensamento, com a intenção de construir um chiste, se adentra no inconsciente visando a um antigo lugar, num primitivo jogo com as palavras empregadas pelas crianças, as quais eram fonte de prazer. O complexo nuclear de uma neurose é resultante de um conflito psíquico nas crianças, quando elas vivenciam uma contradição entre as concepções que lhe parecem mais aceitáveis e as consideradas corretas pelos adultos.

Em outro livro investigado “Gradiva de Jensen e Outros Trabalhos” (1907), inicialmente, há uma interpretação analítica de um texto do escritor e poeta alemão Wilhem Jensen, nas vivências do personagem Norbert Hanold. Trata-se de um conto no qual o personagem principal, o arqueólogo Norbert, fica encantado com a escultura de uma jovem mulher, representada por Gradiva. Norbert começa a sonhar e ter delírios com essa imagem e os conteúdos desses sintomas foram analisados por Freud, como um exercício da atividade clínica na vida real.

Após um trabalho detalhado sobre o personagem Norbert Harold, Freud aprofunda-se na análise clínica da neurose obsessiva, relacionando-a com atitudes religiosas. As pessoas que praticam atos obsessivos pertencem à mesma classe daquelas que sofrem com pensamentos obsessivos. Nessa obra, encontra-se ainda uma diferenciação objetiva entre as neuroses e as psiconeuroses, construtos que até então eram difíceis de serem distinguidos. As neuroses são, portanto, de natureza tóxica para o ego, resultado de influências nocivas na vida sexual do sujeito, não havendo causas hereditárias. Já em relação às psiconeuroses, o autor afirma que se tratam de distúrbios de natureza psicogênica, sendo mais evidente a influência da hereditariedade. Nessa etapa do trabalho freudiano, as psiconeuroses passam a ser entendidas como representações de uma satisfação sexual substitutiva para os indivíduos.

O autor conclui que todos os fatores que prejudicam ou distorcem a vida sexual devem também ser avaliados como fatores patogênicos das psiconeuroses. A etiologia comum ao início de uma neurose e de uma psiconeurose permanece a mesma. Ela consiste em uma frustração, em uma não realização, de um daqueles desejos de infância que nunca são vencidos e que estão profundamente enraizados em nossa organização filogeneticamente determinada. Essa frustração é, em última análise, sempre uma frustração externa, mas no caso individual ela pode proceder do agente interno (no superego) que assumiu a representação das exigências da realidade.

Por fim, na obra “Duas Histórias Clínicas ‘O Pequeno Hans’ e o ‘Homem dos Ratos’” (1909), Freud inicia o trabalho descrevendo o caso do pequeno Hans, uma criança com cinco anos de idade que desenvolveu uma fobia por cavalos. A análise do caso foi feita pelo próprio pai do menino, sob a orientação de Freud, e nela o autor demonstra as relações entre a sexualidade infantil e a origem das neuroses. Nesse momento, o conceito Complexo de Édipo torna-se essencial. Freud utiliza o caso de Hans para reafirmar constatações já feitas a respeito da etiologia infantil das neuroses, observadas em outros pacientes, avançando sua teoria com a introdução do conceito Complexo de Édipo.

Enfim, após a análise pontual das obras iniciais, conclui-se que o conceito de psicose aparece de forma parcial e fragmentada nos textos, tendo uma finalidade ilustrativa em muitos casos ou empregado como fator na diferenciação nos sintomas neuróticos. O conceito de neurose, por sua vez, surge de maneira muito peculiar, aprofundada e densa em todas as obras citadas, com enfoque que, evidentemente, estrutura e define grande parte do pensamento do autor nesse período. Os textos aqui apresentados são de extrema riqueza e complexidade. O intuito deste trabalho de revisão foi introduzir elementos para uma leitura inicial, sem perder de vista a retórica argumentativa do autor. Ressaltamos que Freud deu início a um modo de investigar, tratar e analisar os sintomas dos neuróticos que, certamente, revolucionou a prática clínica que até então era submissa ao discurso da psiquiatria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo percorreu algumas obras consideradas clássicas da literatura freudiana visando a delinear uma síntese compreensiva em torno da etiologia das neuroses e psicoses, tal como o autor propõe em sua metapsicologia. A diferenciação e classificação desses conceitos são fundamentais na prática clínica dos psicólogos em formação e na atuação profissional na saúde mental. O texto atinge a proposta lançada ao desenvolver uma discussão que não se esquivava do encontro com um arcabouço conceitual complexo, tal como pode ser notado ao longo da retórica freudiana.

O artigo alcança sua tarefa e traz evidências sobre uma temática que, dado o seu teor de dificuldade e abrangência, encontra poucos estudos situados nesse território. Porém, cabe ressaltar que não se trata de uma busca por rígidas fronteiras, mas do assinalamento de pistas, de indícios que nos permitem a afirmação de argumentos compatíveis com a epistemologia psicanalítica na compreensão das estruturas clínicas. E, além disso, o artigo corrobora o grande investimento do autor em suas investigações sobre a realidade psíquica, a partir da evolução de conceitos trabalhados na Teoria do Trauma e na sexualidade infantil. É oportuno salientar a importância de estudos sistemáticos e pesquisas articuladas ao problema apresentado, o qual tem amplas repercussões na formação em psicanálise. É imprescindível a busca de um entendimento consensual e crítico, cada vez mais apropriado às demandas do sujeito contemporâneo, de tal forma que confusões conceituais e classificatórias sejam superadas na teoria e na prática da profissão do psicólogo.

REFERÊNCIAS

BISSOLI, Sidney da Silva Pereira. O conceito de transferência nos “Estudos sobre a histeria” (Breuer & Freud, 1895). **Paidéia (Ribeirão Preto)**, Ribeirão Preto, v. 16, n. 33, p. 19-23, 2006.

JABERT, Alexander. Formas de administração da loucura na Primeira República: o caso do estado do Espírito Santo. **História, ciências, saúde-Manguinhos**, v. 12, n. 3, p. 693-716, 2005.

PESSOTTI, Isaías. **A Loucura e as Épocas**. São Paulo: Editora 34, 1995.